



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

EMILY PRISCILA MARTINS LIMA

**MULHERES VIAJANTES: A EXPERIÊNCIA DE MARIE COUDREAU NA
AMAZÔNIA (1900-1901)**

SANTARÉM-PA

2025

EMILY PRISCILA MARTINS LIMA

**MULHERES VIAJANTES: A EXPERIÊNCIA DE MARIE COUDREAU NA
AMAZÔNIA (1900-1901)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Ciências Humanas do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Profª. Dra. Luana Sullivan Bagarrão Guedes.

SANTARÉM-PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

L732m Lima, Emily Priscila Martins
Mulheres viajantes: a experiência de Marie Coudreau na Amazônia (1900 – 1901)./ Emily Priscila Martins Lima. – Santarém, 2025.
44 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Luana Sullivan Bagarrão Guedes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.

1. Mulheres viajantes. 2. Literatura de viagem. 3. Historiografia de gênero. I. Guedes, Luana Sullivan Bagarrão, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 305.409098115



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo segundo dia de março de dois mil e vinte cinco, na cidade de Santarém, do Estado do Pará, reuniu-se às 15 horas, na sala H301 da Unidade Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará, para a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por EMILY PRISCILA MARTINS LIMA, matrícula 2020009221, e intitulado MULHERES VIAJANTES: A EXPERIÊNCIA DE MARIE COUDREAU NA AMAZÔNIA (1900-1901), sob orientação da Profa. Dra. Luana Sullivan Bagarrão Guedes, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), e sob coorientação da Profa. Dra. Eveline Almeida de Sousa da mesma instituição. A banca examinadora foi composta pelas docentes orientadora e coorientadora citadas e pela Profa. Isabel Teresa Creão Augusto também da Universidade Federal do Oeste do Pará. Após a defesa e análise do TCC, a banca deferiu pela (X) aprovação / ()reprovação do TCC, resultando a nota **10,0 (DEZ)**. Fica acordado que a nota está condicionada a entrega final do trabalho, no prazo máximo de **15 dias úteis** a partir desta data e o mesmo deverá contemplar todas as observações da banca examinadora. Proclamados os resultados pelo Coordenador da banca, foram encerrados os trabalhos e para constar, eu Luana Sullivan Bagarrão Guedes, lavrei a presente ata que será assinada pela autora e membros da banca examinadora.

Autora:

Orientadora:

Coorientadora:

Examinadora:

AGRADECIMENTOS

Assim como grande parte dos sonhos que tenho, me graduar em Licenciatura em História foi um sonho que partiu de mim, mas foi acolhido por inúmeras pessoas ao meu redor, pessoas essas que acima de tudo desejavam minha felicidade. Agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte dessa jornada, infelizmente não há espaço suficiente para citar todos. Mas saibam que em todos os momentos estiveram comigo.

À Deus pelo dom da vida, por ter sido meu sustento e ter permitido a conclusão de mais essa etapa em minha vida, me dando sabedoria e colocando pessoas em meu caminho que me auxiliariam para que este sonho pudesse ter se tornado realidade.

Às professoras Doutoras Eveline Almeida de Sousa e Luana Sullivan Bagarrão Guedes, minha gratidão e admiração, pelas orientações, incentivos nas horas de desânimo e pela confiança depositada em meu trabalho.

Aos meus pais Isilene e Márcio pelos ensinamentos, especialmente à minha vó Maria Carmelita de Jesus Menezes, que sempre me acompanhou, sendo meu maior exemplo de bondade e generosidade. À minha tia Cidalina pelo carinho e por todos os incentivos ao longo dessa jornada. Aos meus irmãos Marcos Alejandro, Evely Sueny e Marcela por terem sido meus companheiros de vida, meus grandes incentivadores, carrego-os comigo sempre.

Ao meu filho, Raul Martins Pereira, a pessoa que mais amo no mundo e minha maior fonte de força e motivação.

Ao meu companheiro e amigo, Kalid de Sousa Pereira, pela paciência, incentivo e por ter decidido caminhar comigo também na graduação, pelas horas difíceis, e principalmente por ter sido o melhor pai que nosso filho poderia ter nas ausências dedicadas ao estudo e pesquisa, sem sua colaboração esse trabalho não teria sido possível. Amo você!

Aos meus amigos de vida, Sara Lima, Maria Helena, Ana Fábria, João Delgado, Ellem Martins, parte fundamental neste e em outros caminhos que virão para serem trilhados.

Às amigas conquistadas ainda na graduação e que se estenderam para além dos muros da instituição, meus amigos Ingrid Maiele, Mariete Pinheiro, Mailson Roberty, Denner Lucas, Felipe Xavier, Lucas Taichi e Paulo Patrick, sem vocês a caminhada teria sido muito mais difícil.

A todos que durante esses últimos 5 anos me acompanharam.

O meu mais sincero, muito obrigada.

*“A solidão da floresta virgem tornou-se
necessidade para mim, atraindo-me com o seu
silêncio misterioso. É só nas grandes matas que
me sinto em casa.”*

(Marie Octavie Coudreau)

RESUMO

O presente trabalho analisa a experiência da exploradora francesa Marie Octavie Coudreau na Amazônia entre 1900 e 1901, destacando sua atuação como viajante, geógrafa e escritora. No final do século XIX e início do XX, as expedições científicas à Amazônia eram amplamente dominadas por homens, e a presença feminina nesse campo era frequentemente silenciada pela historiografia tradicional. No entanto, Marie Coudreau desafiou as barreiras de gênero ao assumir a liderança das expedições após a morte de seu marido, Henri Coudreau, consolidando-se como um agente importante na produção de conhecimento geográfico e etnográfico sobre uma região. O estudo tem como foco a obra *Viagem ao Rio Curuá*, na qual Marie Coudreau documenta, com riqueza de detalhes, a geografia, a fauna, a flora e as relações sociais das populações amazônicas, incluindo comunidades indígenas e quilombolas. Suas transparências revelaram não apenas seu olhar explorador, mas também a mentalidade eurocêntrica e os preconceitos raciais que moldaram sua percepção sobre os habitantes locais, especialmente os mocambeiros do Pacoval. A pesquisadora os descreveu sob a ótica da "degeneração" e da "ociosidade", reforçando estereótipos racistas presentes nas narrativas coloniais da época. Além disso, a análise historiográfica do trabalho se insere no campo dos estudos de gênero, refletindo sobre a marginalização das mulheres na ciência e na literatura de viagem. A trajetória de Marie Coudreau ilustra as dificuldades enfrentadas por mulheres que se aventuraram no mundo das expedições e da pesquisa científica, desafiando as normas patriarcais e reivindicando espaço no discurso científico. O estudo também examina o impacto de sua obra na construção de representações sobre a Amazônia e suas populações, contribuindo para uma reflexão crítica sobre as formas como a região foi percebida e narrada por viajantes europeus. Dessa forma, o trabalho busca destacar a importância da produção intelectual de Marie Coudreau, ao mesmo tempo em que questiona as trajetórias de gênero e os discursos coloniais que marcaram as narrativas sobre a Amazônia no início do século XX. A pesquisa contribui para os debates historiográficos sobre a presença de mulheres na ciência e para a valorização de suas produções no campo da literatura de viagem.

Palavras-chave: Mulheres viajantes; literatura de viagem; historiografia de gênero; exploração da Amazônia.

ABSTRACT

The present study analyzes the experience of the French explorer Marie Octavie Coudreau in the Amazon between 1900 and 1901, highlighting her role as a traveler, geographer, and writer. In the late 19th and early 20th centuries, scientific expeditions to the Amazon were largely dominated by men, and female presence in this field was often silenced by traditional historiography. However, Marie Coudreau challenged gender barriers by taking over the leadership of expeditions after the death of her husband, Henri Coudreau, establishing herself as an important agent in the production of geographic and ethnographic knowledge about the region. This study focuses on her work *Viagem ao Rio Curuá*, in which Coudreau documents, in rich detail, the geography, fauna, flora, and social relations of Amazonian populations, including Indigenous and Quilombola communities. Her accounts reveal not only her exploratory gaze but also the Eurocentric mindset and racial prejudices that shaped her perception of the local inhabitants, especially the *mocambeiros* of Pacoval. She described them through the lens of "degeneration" and "idleness," reinforcing racist stereotypes present in colonial narratives of the time. Furthermore, the historiographical analysis of this work falls within the field of gender studies, reflecting on the marginalization of women in science and travel literature. Marie Coudreau's trajectory illustrates the challenges faced by women who ventured into the world of expeditions and scientific research, challenging patriarchal norms and claiming space within scientific discourse. This study also examines the impact of her work on the construction of representations of the Amazon and its populations, contributing to a critical reflection on how the region was perceived and narrated by European travelers. Thus, this research seeks to highlight the importance of Marie Coudreau's intellectual production while also questioning the gendered trajectories and colonial discourses that shaped narratives about the Amazon in the early 20th century. The study contributes to historiographical debates on the presence of women in science and the recognition of their contributions to the field of travel literature.

Keywords: Women travelers; travel literature; gender historiography; Amazon exploration.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Marie Octavie Coudreau acompanhada de Henri Anatole Coudreau e sua tripulação em 1889, durante viagem ao rio Trombetas.....	21
Figura 2. Localização do Rio Curuá no mapa da região.....	23
Figura 3. Moradores da povoação de Curuá em 1900.....	29
Figura 4. Vista da povoação do Mocambo do Pacoval.....	32
Figura 5. Tripulação de Marie carregando bagagem nas costas.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CAPÍTULO 1 - MULHERES EXPEDICIONÁRIAS, EXPLORADORAS E	12
VIAJANTES NOS SÉCULOS XIX E XX: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA	12
1.1 Uma viajante francesa na Amazônia na virada dos séculos XIX para o XX: Marie Octavie Coudreau.....	17
1.2 Henri Anatole Coudreau e Octavie Coudreau: O casal francês na Amazônia	20
2 CAPÍTULO 2 - RELATOS DE VIAGEM POR MARIE COUDREAU: ANÁLISE DA OBRA VIAGEM AO RIO CURUÁ.....	23
2.1 Madame Coudreau e o Mocambeiros do Curuá	30
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	42

INTRODUÇÃO

As viagens científicas e excursões exploratórias realizadas por estrangeiros ao Brasil destinadas a descoberta de novas rotas marítimas, realizadas a partir do século XVI, foram importantes mecanismos de expansão e domínios de territórios em diferentes lugares do mundo. Para Kury (2022, p.1), as viagens científicas feitas por naturalistas exploradores começam após o fim dos conflitos europeus. Como fruto dessas viagens a regiões inexploradas, temos o nascimento de valiosas coleções, escritos, publicações e a documentação de imagens que constituíram uma espécie de padrão para o conhecimento sobre a natureza brasileira. Ainda com base na autora, a Europa estava no centro, era a gênese da produção do conhecimento e o personagem do naturalista europeu tornar-se-ia nos grandes especialistas da fauna e flora brasileira. “Após a fase dos “descobrimientos”, viajantes exploradores em missões, oficiais ou não, produziram relatos (em diversos formatos, como diários, relatórios, gravuras e artigos) importantes para o reconhecimento do Novo Mundo nos séculos XVI e XVIII” (Santana, et al, 2018 p.15).

Já no século XVIII, o objetivo das viagens passa a ser o aprimoramento do conhecimento científico, com a produção de análises de espécimes existentes no além-mar pelos naturalistas exploradores, além do interesse em levantar informações geográficas e sociais dos espaços, ou seja, a cartografia, catalogação da fauna e flora, etnografia e estudos geográficos. Para o historiador Carlos Gomez (2017, p.132), os viajantes naturalistas tinham características ímpares como a sagaz arte em observar e desbravar extensos caminhos pelas vastas regiões do rio Amazonas inexploradas. Para ele, esses personagens se constituem

[..] Como agudos observadores da natureza, contribuíram imensamente para que os estudos científicos sobre a região tomassem corpo, acrescentando valiosa parcela ao estoque de conhecimento sobre a região. Além do interesse sobre o ambiente natural, esses viajantes também viram importância na história e nos costumes locais, fato que aguçou as suas observações acerca das características socioculturais e econômicas da região. Seus relatos oferecem extraordinárias e vívidas descrições de costumes. (Gomez, 2017, p. 133).

Sob essa perspectiva, o século XIX apresenta às sociedades europeias as viagens científicas. Essas expedições partiam de diversos lugares do mundo, emergindo em um contexto marcado por profundas transformações sociais, políticas e culturais. Nesse cenário, a Amazônia ganha relevância nos círculos acadêmicos e científicos como um destino de interesse estratégico. Contudo, não se tratava da descoberta de uma região até então desconhecida, mas sim de reinterpretá-la e explorá-la sob uma nova perspectiva, orientada por objetivos científicos e expansionistas. Desse modo, aumentaram as expedições científicas registradas em diários de

viagens pelos exploradores, naturalistas e geógrafos, narrativas construídas a partir da interação entre o europeu e os povos nativos da região explorada.

Ao pensarmos sobre a Amazônia do século XIX, temos um imaginário europeu que era alimentado desde séculos passados com narrativas fantasiosas. Para Neide Gondin, os relatos produzidos por naturalistas que datam do século XVII desempenharam um papel fundamental na construção de uma imagem “inventada da Amazônia”, essas descrições sobre a região eram frequentemente moldadas por esse olhar que apresentava a região de maneira exótica e fantasiosa. (Gondin, Apud Schweikardt; Lima, 2007, p. 16). Nas palavras da historiadora Debora Santos,

As literaturas de viagem frutos desse período constituíram-se em documentação fundamental para consolidar o imaginário europeu sobre o Brasil. A riqueza e o cuidado com os detalhes da vida cotidiana dão conta de torná-los ainda mais intensos, excluindo os do campo da fantasia, como observamos em textos de séculos anteriores em que se buscava o paraíso perdido, para ocuparem as prateleiras de estudos das universidades. (Santos, 2023, p. 189)

A mudança na escrita dos relatos de viagens, cujas descrições deveriam passar por métodos científicos que tivessem comprovação como observação, estudos e experimentos, também foi alcançada por outros historiadores, a exemplo de Souza (2012, p. 09) e Elias et al. (2018, p. 02), que afirmam que, a partir do século XVIII, as viagens exploratórias passaram a adquirir um caráter mais fortemente científico, conduzindo-se pela racionalização dos recursos naturais e pela compreensão e delimitação dos limites geográficos. Tais expedições, ao buscarem sistematizar o conhecimento sobre os territórios explorados, contribuíram gradualmente para uma transformação significativa na mentalidade da época. Esse processo marcou um distanciamento em relação à visão exótica e idealizada do "Novo Mundo", substituindo-a por uma representação mais fundamentada em critérios científicos e objetivos. Dessa forma, consolidou-se uma nova perspectiva, que valorizava a análise científica e a exploração sistemática, em contraste com as narrativas que vinham sendo escritas em séculos passados.

Somente com a influência do movimento iluminista vigente na Europa, onde as viagens exploratórias do século XVIII alcançaram um maior caráter científico, buscando a racionalização na análise das riquezas naturais e na compreensão e delimitação dos limites geográficos. (Santana, et al, 2018 p.16).

A partir de então, as viagens passaram a adotar uma abordagem mais científica, com práticas sistemáticas e um melhor planejamento. Nesse sentido, a busca por respostas às inquietações suscitadas pela exploração de novos espaços geográficos impulsionou pesquisas que se desdobraram em múltiplos campos do conhecimento. A atuação desses naturalistas

resultou no que hoje conhecemos como literatura de viagem, o qual assumiu um papel fundamental na construção de discursos sobre os territórios explorados. Tais produções foram além da mera representação do exótico, característica do imaginário do Novo Mundo, ao oferecer descrições detalhadas e cuidadosas das paisagens, da topografia e da geografia local. Dessa forma, contribuíram não apenas para a ampliação do conhecimento científico, mas também para a formação de uma nova mentalidade em relação à Amazônia, superando visões estereotipadas e abrindo caminho para uma nova compreensão da região.

Por outro lado, ao refletirmos acerca da participação de mulheres viajantes comandando expedições científicas e produzindo ciência através da escrita de relatos de viagem, ainda encontramos um cenário de silenciamento de mulheres que dedicaram sua vida a produção da ciência. Todavia, temos uma nova historiografia que busca resgatá-las e estudos que se debruçam a entender os relatos de viagem escritos por mulheres e os discursos que marginalizaram e excluíram essas personagens da história, das instituições científicas e da construção do saber científico, uma vez que, por muito tempo, a própria historiografia contribuiu para que elas fossem excluídas, silenciadas ou que a elas restassem meros papéis de subalternidade.

A partir dessa perspectiva, o presente trabalho intitulado *Mulheres viajantes: a experiência de Marie Coudreau na Amazônia (1900-1901)*, tem como objetivo destacar o protagonismo da exploradora, cartógrafa, fotógrafa, naturalista, escritora e geógrafa francesa Marie Octavie Renard, posteriormente conhecida como Marie Coudreau (1867-1938). Para a análise do relato de viagem ao rio Curuá, apoiamo-nos na historiografia de gênero, nos estudos sobre mulheres exploradoras e na literatura de viagem, com recorte temporal delimitado ao período de 1900-1901, quando Marie Coudreau esteve à frente da expedição no referido rio. Dessa forma, esta pesquisa examina o relato *Voyage ao rio Curuá*, produzido por Marie Coudreau, com o objetivo de compreender o protagonismo feminino na ciência do século XX e as representações da Amazônia construídas a partir de suas observações sobre a biodiversidade, a cultura local e as relações sociais. Além disso, busca-se ressaltar a relevância dos relatos produzidos por mulheres viajantes, contribuindo para ampliar a compreensão sobre o papel das mulheres na produção científica e na construção de narrativas sobre territórios explorados.

1 CAPÍTULO 1 - MULHERES EXPEDICIONÁRIAS, EXPLORADORAS E VIAJANTES NOS SÉCULOS XIX E XX: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA.

Ao refletirmos sobre a presença de mulheres nas esferas de domínios públicos das sociedades, é comum encontrarmos discursos que as inferiorizam. Quando se trata do campo da ciência, a narrativa se reproduz de maneira semelhante. Por décadas, as mulheres foram direcionadas a espaços privados da casa e da família, não havendo liberdade para outros movimentos. Essas restrições foram moldadas por um padrão cultural enraizado em sociedades antigas e que ainda persistem em dias atuais e, por isso a indiferença imposta pela sociedade entre os sexos acabava por escondê-las, tornando-as invisíveis e colocando homens em posições de destaque e protagonismo.

Os relatos de viagens produzidos pelos exploradores estavam imersos em espaços dominados pela figura masculina: homens, naturalistas e exploradores em sociedades europeias distintas entre os séculos XVI e XIX. Segundo Thompson (2011), o ato de viajar é frequentemente associado ao sexo masculino, enquanto a figura feminina (como já mencionado nesta pesquisa) é historicamente limitada ao lar e a imobilidade, pois as restrições impostas pela ideologia patriarcal¹ dificultavam suas viagens. Apesar das possibilidades limitadas de viajar, escrever e publicar, estudos recentes têm apresentado mulheres que, ao menos desde o século XVIII, se movimentaram pelo espaço e inseriram-se na produção e construção do conhecimento.

No campo da história das ciências, a historiadora Margaret W. Rossiter (1993) introduziu o conceito “efeito Matilda”, onde aponta a presença de um preconceito enraizado em relação ao reconhecimento das contribuições de cientistas mulheres. Esse fenômeno caracteriza-se pela tendência em excluir as realizações dessas profissionais, em favor da atribuição de créditos a seus colegas do sexo masculino. A historiadora dedicou sua carreira à denúncia de casos em que as contribuições de mulheres nas ciências foram sistematicamente desconsideradas ou, em situações mais extremas, permanentemente apagadas. Ela também abordou os casos em que essas intelectuais não receberam o reconhecimento apropriado por suas pesquisas, destacando a necessidade de reavaliar e valorizar suas contribuições para o campo científico.

¹ Colete e Hahn (2018) definem o patriarcado como um sistema de dominação masculina, em que a dominação se evidencia em violências, discriminações, separações e inferiorizações. Estas marcas de dominação não se evidenciam apenas em relações interpessoais. A dominação masculina, enquanto patriarcado, mostra-se em estruturas.

Ao tratarmos ainda dessa presença feminina na exploração e documentação de territórios até então desconhecidos, temos uma atuação subestimada, onde o número de mulheres que viajavam era sempre mais restrito que o de homens, sendo ainda menor o número daquelas que escreviam e publicavam seus relatos, além de quase inexistentes mulheres em viagens exploratórias.

No que se refere à presença de mulheres cientistas na Amazônia, Mariath Baratto (2023) pontua que, no século XIX, a grande institucionalização da ciência contribuiu para a exclusão oficial das mulheres das práticas científicas, refletindo num cenário onde muitas mulheres viajantes foram escondidas porque transgrediram a imagem esperada de uma mulher respeitável na época, ou seja, a mulher que “rejeitava” seu papel do lar e da família. Ainda sobre esse aspecto, os estudos atuais argumentam que as mulheres permaneceram, por muito tempo, em posições marginalizadas em relação aos colegas do sexo masculino, o que gradualmente vem apresentando mudanças significativas, mas ainda com sub-representação acentuada. Sobre essa questão, Michelle Perrot (2005, p.35) pontua que “interessa-se pouco pelas mulheres singulares, desprovidas de existência, e mais à “mulher”, entidade coletiva e abstrata a qual se atribuem caracteres de convenção” quando se trata do contexto geral dos estudos historiográficos.

A participação de mulheres na história das ciências e na produção de conhecimento científico a partir da escrita de relatos de viagens foi comprometida por discriminações sociais relativas ao gênero. Entretanto, compreender como algumas delas se incorporaram às práticas e instituições, seja como esposas assistentes, coletoras autônomas, em campos disciplinares específicos, entre outras categorias, garante uma diversificação do registro histórico acerca das ciências que foram produzidas na Amazônia e a desconstrução de ideias tradicionais que consideravam a ciência como uma prática exclusivamente masculina, valorizando as atividades realizadas por esses sujeitos e reconhecendo sua participação na produção de conhecimento sobretudo na história das ciências.

Para Michelle Perrot (1998, p. 37), o século XIX em muito contribuiu para a formulação do ideal de “domesticidade feminina” das cidadãs francesas, imputando-lhes a carga dos afazeres do lar e a sua exclusão compulsória do espaço público. Apesar das resistências, as mulheres foram conquistando seus espaços e ainda durante o século XIX podemos observar uma abertura gradativa para a escrita feminina. “o discurso a respeito da inferioridade intelectual das mulheres persistia, em contrapartida, ficava cada vez mais difícil ignorar a participação dessas mulheres na produção de conhecimento” (Perrot, 1998, p. 38).

As mulheres que assumiam o controle de suas próprias narrativas fizeram da escrita um ato de contestação por sua simples existência numa sociedade na qual não tinham espaços. Terezinha Queiroz destaca que deslumbramento e horror acompanharam a escrita feminina no século XIX. Além disso, a entrada de mulheres escritoras e cientistas nesses novos espaços literários ocasionou mudanças sociais significativas que não foram recebidas pacificamente por todos, impactando diretamente a configuração dos papéis de gênero na sociedade. A difusão dessa prática encontrou resistência por parte daqueles que a consideravam inferior em qualidade ou que temiam a mudança nos padrões de consumo e comportamento (Queiroz, 2011, p. 204).

Nessa perspectiva, a trajetória de Marie Coudreau é significativa para a compreensão do papel da mulher na exploração científica e na literatura de viagem, especialmente em contextos tão desafiadores e complexos como o da Amazônia. Em uma época em que as mulheres eram frequentemente excluídas do fazer científico, a exploradora se destacou não só por suas contribuições intelectuais, mas também por sua coragem em aventurar-se em terras desconhecidas, em um espaço totalmente dominado por homens, desafiando as normas de gênero da época e abrindo caminho para futuras gerações de mulheres viajantes e exploradoras.

O fato de muitas dessas mulheres viajantes, desde o século XIX, só estarem presentes na coleta e produção de dados em pesquisas científicas porque acompanhavam seus maridos nas expedições é representativo da subordinação patriarcal e da forma como a instituição científica incorporou as divisões sociais associadas aos gêneros.

No caso da Amazônia, não é comum pensarmos em mulheres em expedições científicas de exploração de territórios e coleta de dados sobre a fauna e flora da região, objeto esse de estudo de diversos naturalistas, apesar de termos tido mulheres ocupando, eventualmente, o seu lugar na construção exótica desta alteridade tropical. A Amazônia, cujas vastas extensões de florestas e rios carregavam naturezas e paisagens únicas, atraiu não apenas homens, mas também mulheres exploradoras que desempenharam papéis fundamentais na construção do conhecimento sobre essa região. Embora frequentemente ofuscadas por seus pares masculinos, as contribuições das mulheres exploradoras no século XIX e início do século XX têm sido objeto de uma crescente atenção acadêmica nas últimas décadas.

Durante séculos, a busca por explorar e entender a Amazônia se dava repleta de desafios, tanto físicos quanto sociais. As mulheres que se aventuraram por esses caminhos frequentemente desafiaram as normas de gênero da época, que relegaram o papel das mulheres à esfera doméstica, como já mencionado neste trabalho. Estudos recentes na historiografia de mulheres exploradoras em obras sobre a história da Amazônia têm buscado destacar figuras de

mulheres naturalistas, que tanto documentaram as paisagens e culturas amazônicas, quanto questionaram a dinâmica de poder em suas narrativas.

Ferreti (2017, p.8) faz um levantamento sobre essas mulheres, incluindo a famosa exploradora e cineasta Aloha Baker, que não escondia o desejo e a euforia em apresentar os povos indígenas, descritos como “simples filhos da natureza”, ao público ocidental (Martins, Apud Ferreti, 2017, p. 08). Outra figura feminina relevante nas expedições norte-americanas à Amazônia no século XX foi Eleanor Rice, esposa do explorador Alexander Hamilton Rice. Em 1917, a imprensa dos Estados Unidos a celebrou como “a primeira mulher a explorar partes da selva amazônica”, evidenciando seu papel pioneiro e a crescente participação de mulheres em empreendimentos exploratórios e científicos na região (Martins, Apud Ferreti, 2017, p. 08).

Ao abordar as questões de gênero, Ferreti demonstra não apenas que Octavie Coudreau permaneceu completamente desconhecida para a história da exploração, mas também para a longa duração de preconceitos que resultaram em surpresa por uma mulher assumir tarefas que eram consideradas “masculinas”. Na história de viagens científicas e de exploração, tanto sua experiência, quanto a de seu marido contribuíram para uma melhor compreensão de várias problemáticas levantados pela literatura recente na história das explorações.

As exploradoras não eram somente observadoras, suas experiências ampliavam a compreensão dos processos sociais e culturais a partir do contexto histórico no qual estavam inseridas. Os relatos de viagem produzidos por essas personagens são fundamentais para desconstrução da história tradicional que privilegia vozes masculinas, pois os registros abarcam desde a descrição da biodiversidade até interações com comunidades indígenas, oferecendo uma perspectiva rica e multifacetada do que significava ser mulher exploradora nesse período.

A construção das narrativas sobre mulheres exploradoras revela muito sobre como a historiografia lidou com questões de gênero no âmbito da construção do conhecimento científico. Na obra “As Mulheres ou os Silêncios da História”, Michelle Perrot (1998, p.11) analisa como a figura feminina foi sistematicamente excluída ou silenciada através dos tempos nas narrativas históricas tradicionais e propõe uma revisão crítica das fontes e dos métodos historiográficos para recuperar suas vozes e experiências. A historiadora destaca que “aceitar, conforma-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Este mesmo silenciamento imposto pela ordem simbólica, não se trata somente do silêncio da fala, mas também do controle sobre a expressão, e os gestos”. (Perrot, 2005, p.10)

Ainda sobre essa discussão, a historiadora Joan Scott (1989, p.47), em suas análises sobre gênero e história, argumenta que o entendimento de como as mulheres foram representadas na sociedade ao longo do tempo, tanto por elas mesmas quanto por terceiros, é

crucial para a produção do conhecimento histórico. As exploradoras em territórios amazônicos, em muitos casos, buscaram desafiar os estereótipos da época, enquanto criavam narrativas que redefiniram suas experiências.

A historiografia que discute a produção de mulheres exploradoras na Amazônia nos séculos XIX e XX abre um campo fértil para debates teóricos e metodológicos ao recuperar vozes subalternizadas, refletindo uma sensibilização quanto à importância de inserir as personagens femininas na narrativa histórica da exploração de viagem. Dessa maneira, refletir sobre as vozes de mulheres exploradoras não apenas enriquece a compreensão sobre a Amazônia, mas também oferece uma oportunidade singular para reconsiderar a história sob a perspectiva de gênero, contribuindo para uma maior inclusão e representação na historiografia contemporânea.

Nesse contexto, temos a mulher exploradora e viajante emergindo como figura central na produção de conhecimento científico e na exploração geográfica, especialmente no final do século XIX e início do século XX. Mulheres como Marie Octavie Coudreau desempenharam um papel de suma importância para a compreensão da geografia e dos conhecimentos sobre o território. A exploradora, em particular, destacou-se por expedições à região amazônica, especialmente no Baixo Amazonas, área explorada por Marie de maneira pioneira e sistemática. Suas contribuições não se limitaram à cartografia ou à descrição geográfica, mas compreenderam um vasto acervo de documentos com importantes descrições sobre as relações sociais, culturais e econômicas das populações locais, oferecendo um panorama rico e multifacetado da Amazônia no período.

A relevância de Marie Coudreau e de outras mulheres exploradoras se dá por suas descobertas e pelo fato de que suas trajetórias desafiaram estereótipos de gênero e redefiniram o papel das mulheres na ciência e no gênero de exploração de territórios. Suas narrativas, muitas vezes marginalizadas ou subestimadas, são essenciais para uma compreensão mais completa e inclusiva da história da ciência e da geografia. Ao explorar o Baixo Amazonas, Marie não só mapeou o território, como também revelou as complexidades humanas e culturais dessa região.

A inclusão dessas vozes na historiografia científica permite uma visão mais plural e democrática do processo de produção de conhecimento, destacando a importância da diversidade de perspectivas na construção do saber. Assim, a trajetória de Marie Octavie Coudreau e de outras mulheres exploradoras deve ser entendida como parte integrante e fundamental da história da ciência e da exploração da Amazônia, com ênfase especial no Baixo Amazonas, região que ela ajudou a tornar um pouco mais conhecida para o mundo.

1.1 Uma viajante francesa na Amazônia na virada dos séculos XIX para o XX: Marie Octavie Coudreau.

Marie Octavie Renard (1870-1938) é uma figura histórica que até o momento possui uma biografia bastante escassa e pouco documentada. Como pressupõe Carey-webb (2017, p. 467), a documentação biográfica produzida sobre Marie Coudreau diferentemente daquela produzida sobre Henri Coudreau, seu marido, é inferior. Apesar disso, seu nome aparece em estudos que abordam o contexto social e cultural da época em que viveu, mesmo que em muitos momentos camuflado, levantando questões sobre o papel das mulheres em diferentes esferas da sociedade. A menção à Coudreau nas discussões acadêmicas traz à tona as importantes contribuições que fez para o campo da exploração geográfica, como o pioneirismo ao utilizar a fotografia para documentar a Amazônia no século XIX e XX.

A partir da documentação disponível, é possível compreender a relevância seminal da referida exploradora na história da exploração científica da Amazônia. Sua trajetória assemelha-se à de outras poucas mulheres que se lançaram e destacaram no âmbito das expedições científicas, cujas narrativas são frequentemente marcadas por desafios e conquistas. A contribuição etnográfica e geográfica deixada por Marie Coudreau testemunha não apenas suas aspirações individuais, mas também a inserção de mulheres em um campo predominantemente masculino. Sobre isso, Jéssica Carey-Webbem, no texto “Política de gênero do império: a mulher exploradora e histórias naturais da bacia amazônica 1899-1901” destaca que

Octavie, treinada na França como geógrafa, inicialmente veio para ajudar o marido e servir como seu assistente cartográfico para a exploração do rio Trombetas. Em contraste com Henri, pouco se sabe sobre o passado de Octavie - e pouco depois de seus sete anos de serviço na Amazônia. Como Avril Maddrell aborda em *Locais complexos*, as mulheres têm sido amplamente ignoradas na escrita da história geográfica e de suas contribuições não reconhecidas no campo, particularmente antes de 1970. (Carey-Weeb, 2017, p.467).

Marie Octavie Renard começou suas viagens de exploração pelas regiões do interior do então estado do Pará, acompanhada pelo marido, Henri Anatole Coudreau, também geógrafo e explorador científico francês. Como consta em documentações pessoais, a exploradora nasceu em 30 de abril de 1867 em uma família burguesa agrária em Anais, França, em uma sociedade que passava por uma série de transformações sociais, econômicas, culturais e políticas. Ela nasce em meio a um contexto social que, embora começasse a abrir caminhos para a participação feminina em várias áreas, ainda era marcado por limitações.

Viajante, exploradora, cartógrafa, fotógrafa, naturalista, escritora e geógrafa, Marie Octavie Renard, que mais tarde se tornaria Coudreau, casou-se com Henri em uma cerimônia civil em 1893, apesar de ter crescido em um meio católico conservador. Ferreti (2017, p. 9) ressalta que a então exploradora começa a carreira como instrutora, exercendo trabalhos como professora inserida no novo sistema de escola pública e secular instituída pela Terceira República na sociedade francesa. Mouchet (1973) foi o primeiro biógrafo do casal francês, embora tenha dedicado seus estudos mais para a vida e as produções de Henri, relata que

Octavie conhece Henri Coudreau durante sua passagem a cidade de Paris, enquanto publicava sua principal obra, *“Chez nos Indiens”* (1893), onde apresenta uma importante descrição sobre sua visita prolongada às comunidades indígenas entre o Brasil e a Guiana francesa. (Mouchet, Apud Ferreti, 2017, p.9).

Foram inúmeras as expedições e explorações na Amazônia até a década de 90 e nossa personagem ilustra bem esse contexto. Marie Octavie Renard dá seus primeiros passos exploratórios em terras amazônicas ao lado de seu marido no final do século XIX acompanhando-o pelo interior do estado do Pará. Embora tenha iniciado como acompanhante, encarregada pelos desenhos de mapas e paisagens, ela assumiu a frente das missões exploratórias no interior do Pará e Amazonas, após o falecimento de Henri. As viagens de Coudreau resultaram na produção de relatos de viagem contabilizando cinco ao todo. O primeiro deles foi a finalização do trabalho iniciado por Henri, *“Viagem ao Trombetas”* publicado em 1899, seguido de outros quatro, *Viagem ao Cuminá*, *Viagem ao rio Curuá*, *Viagem a Mapuera* e *Viagem ao Canumã*, que foram de autoria exclusiva de Marie Coudreau.

As historiadoras Leidiane Leite e Sheila Praxedes afirmam que a viajante documentou rotas fluviais, mapeou territórios ainda pouco conhecidos e registrou informações sobre as populações indígenas e as comunidades quilombolas e ribeirinhas. Paulo Roberto de Albuquerque (2024) destaca que um dos principais objetivos das viagens de Marie Coudreau era a exploração de rotas alternativas para a expansão das práticas agrícolas e a tomada de posses dos Territórios (Albuquerque, 2024, p.3). Além disso, pode-se destacar que os objetivos da viagem da exploradora eram tanto pessoais quanto ligados aos interesses políticos, econômicos e territoriais das classes burguesas de Belém, Manaus e do Baixo Amazonas, sendo então uma agente estatal construindo discursos territoriais. Desse modo, o trabalho realizado pela viajante teve impacto direto no desenvolvimento de políticas públicas para a ocupação e integração da Amazônia ao território brasileiro

Os textos de Marie combinam a precisão científica com observações etnográficas e narrativas pessoais, oferecendo uma perspectiva multifacetada da Amazônia com uma escrita marcada por uma abordagem descritiva e analítica que revela tanto seu compromisso com a ciência quanto sua sensibilidade como observadora. (Leite et al, 2024, p.90).

No caso do estudo em questão, *Voyage au rio Curuá*, é possível perceber que a exploradora francesa em expedição no norte do Brasil no início do século XX, necessitou da colaboração e auxílio dos nativos locais para se informar sobre a região e para abrir caminhos para suas explorações. O pioneirismo de seus feitos enquanto exploradora vão além do lugar inusitadamente ocupado na liderança dessas expedições, pois, conforme aponta Souza Filho em seu importante trabalho sobre a trajetória do casal, *Os retratos dos Coudreau: Índios, Civilização e Miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” (1884-1899)*, Marie Coudreau “seguramente foi a primeira mulher a fotografar a Amazônia e suas gentes” (Souza Filho, 2012, p. 12).

A esse respeito, cabe a colocação do pesquisador José Guilherme Fernandes, ao relatar que apesar de algumas obras em voga na historiografia discorrerem sobre o papel da mulher nos relatos e na história local, “faltava, no entanto, que a voz efetivamente fosse feminina, para se alcançar o ponto de vista da mulher nos relatos dessas paragens amazônicas” (Fernandes, 2023, p. 10). Eis que com Octavie Coudreau (1867-1938) aflora a escritura feminina inédita nos relatos, segundo o autor, de “uma autêntica amazônida dos relatos telúricos à francesa” (Fernandes, 2023, p. 16).

Apesar das resistências, a sociedade do século XIX foi gradativamente abrindo espaço para que escritas como a de Marie Coudreau se efetivassem. Além de sua escrita inovadora, os registros fotográficos em sua obra também têm importância singular para a história e para o gênero de produção de relatos de viagens.

Além de suas contribuições como escritora e exploradora, Marie Octavie deixou um vasto acervo fotográfico. Sua habilidade com a câmera permitiu documentar paisagens, comunidades indígenas e o cotidiano amazônico, criando um registro histórico e cultural inestimável. Suas fotografias não apenas ilustram seus relatos, mas também oferecem um testemunho visual das condições ambientais e humanas da Amazônia no início do século XX. Mais do que simples documentos visuais, suas imagens revelam uma sensibilidade peculiar ao capturar as relações entre os habitantes locais e o meio ambiente, evitando os estereótipos frequentemente reproduzidos nas representações coloniais da época. (Leite, et al. 2024, p.86).

A exploradora utiliza na composição do seu relato a fotografia como uma ferramenta não apenas de representação, mas também de documentação etnográfica e artística. É válido ressaltar que tanto a produção visual da Amazônia no século XIX quanto os domínios das técnicas ao utilizar a fotografia era dominada por homens. Dessa maneira, é nesse cenário também de perpetuação masculina no ramo da fotografia que Marie Coudreau se destacou ao produzir em suas imagens conexão entre diferentes culturas e testemunhos da diversidade ambiental presente na região amazônica. A viajante construiu um legado não só textual, mas

também visual que permanece relevante até os dias atuais, contribuindo para um entendimento mais profundo da relação entre o homem e o meio ambiente, evidenciando a importância da fotografia como forma de registro histórico e cultural nas expedições científicas do século XX.

1.2 Henri Anatole Coudreau e Octavie Coudreau: O casal francês na Amazônia.

Ao destacarmos a vida e obra de Marie Coudreau como exploradora, mesmo que não seja o objetivo principal do trabalho, não podemos deixar de mencionar seu esposo Henry Anatole Coudreau, geógrafo renomado e naturalista, nasceu em uma família de agricultores no departamento de Charente em 6 de maio de 1859 (Souza Filho, 2005 p.23). Foi professor no Colégio de Caiena, na Guiana Francesa e exercia seus trabalhos para o governo brasileiro e para instituições europeias em missões de exploração dos afluentes da margem esquerda do Amazonas, dentre eles, o Tapajós, o Xingu, o Tocantins, o Araguaia, o Yamundá e o Trombetas, onde explorou e mapeou a região, documentando populações indígenas, rios e recursos naturais (Souza Filho, 2005, p.25). Conforme Souza Filho (2005, p.24), Henri Coudreau foi autorizado pelo subsecretário de Estado para ir as Colônias a fazer uma expedição para explorar os territórios que se estendem do Oiapoque ao Araguari, contestados entre França e Brasil, em fevereiro de 1883.

De 1895 a 1899, os Coudreau realizaram 7 expedições aos afluentes do rio Amazonas, cada um documentado por um livro publicado pela editora parisiense Maison Lahure. Estas produções mostram o importante papel que Octavie desempenhou no levantamento de dados, desenho de mapas e fotos. De fato, as obras escritas pelo casal Coudreau ² têm uma produção fotográfica abundante como uma de suas principais características. Sobre o conjunto de obras produzidas pelo casal, Sousa Filho (2005) destaca:

O conjunto da obra do casal Coudreau, um total de 57 publicações conhecida (01 álbum fotográfico, 18 livros, 29 pequenas publicações na forma de artigos ou brochuras, 05 grandes reportagens para o “Journal des Voyages” e 04 verbetes para “la Grande Encyclopédie Berthelot”), os textos de Caiena, que vão de 1881 a 1895, podem ser subdivididos em relatos de viagens e ensaios corográficos. Já os textos brasileiros, na sua maioria relatos de viagem, excetuando apenas as publicações de um artigo corográfico e um álbum sobre a cidade de Belém, podem ser subdivididos em duas etapas: a etapa Coudreau, que abrange as publicações que vão de 1895 a 1899 todas elas feitas a 04 mãos, mas que predomina o trabalho de Henri Coudreau; e uma segunda etapa, abrangendo as publicações de que vão de 1899 a 1906, período, portanto pós-morte de Coudreau, e que figuram apenas os relatos das viagens feitas

² Escritos brasileiros publicados por Henry Anatole Coudreau: Voyage au Tapajoz (1897), Voyage au Xingu (1897), Voyage a Itaboca (1898), Voyage entre Tocantis e Xingu (1899), Atlas de Voyage au Tapajoz, ao Xingu, e ao Tocantis do Araguaya (1899), Voyage au Yamunda (1899). Livros publicados por Marie Octavie Coudreau: Voyage au Trombetas (1899), Voyage au Cumina (1900), Voyage au Curua (1901), Voyage a la Mapuera (1903), Voyage au Maycuru (1903), Voyage au Canumã (1906).

exclusivamente por Octavie Coudreau no Pará e Amazonas. (Souza Filho, 2005, p. 25).

Figura 1. Marie Octavie Coudreau acompanhada de Henri Anatole Coudreau e sua tripulação em 1889, durante viagem ao rio Trombetas.



Fonte: Coudreau, Voyage au rio Trombetas, (1889)

Em concordância com as pesquisas dos autores Leite et al (2024, p.90) e Souza Filho (2005, p.28), a morte de Henri, ocorrida em 1889, quatro anos após seu casamento com Marie, em decorrência de problemas de saúde causados durante as viagens, foi determinante para a inserção da esposa no campo da exploração científica, estabelecendo, dessa forma, uma ruptura entre aquilo que foi produzido pelo casal e o que passaria a ser produzido por Marie. Nesse sentido, vemos a exploradora adquirindo autonomia científica e reconhecimento. De acordo com Carey-Webb:

Até a expedição ao rio Trombetas ela ocupava um lugar coadjuvante, sem dúvida, o mais importante deles, junto àquele que é considerado o “último grande explorador francês do século XIX.” A morte de Henri lançou um sub- carreira “stantial” para Octavie por direito próprio, enquanto ela prosseguia para novas explorações contratada pelo governo brasileiro e oficialmente reconhecida pelos franceses sociedade geográfica. (Carey-Webb, 2017, p.469)

A trajetória científica de Marie Coudreau, especialmente após a morte do esposo, destaca-se como um exemplo de luta pela emancipação feminina no campo da ciência e da naturalização de seu papel como pesquisadora em um período historicamente marcado pela exclusão das mulheres nas ciências naturais. Após se tornar viúva, Marie Coudreau assumiu a

responsabilidade de continuar o trabalho que Henri havia iniciado. Essa transição não só a obrigou a adotar uma postura ativa na defesa de seus direitos e do legado científico de Henri, mas também a adaptou à realidade de um ambiente científico que se mostrava hostil à presença feminina de diferentes maneiras. As dificuldades enfrentadas por Marie, que incluíam a necessidade de validação de sua pesquisa em um contexto predominantemente masculino, refletiram um desafio muito maior: o de construir e abrir portas para a voz feminina nas ciências.

Sobre esse aspecto, Marie não apenas deu continuidade aos estudos realizados por seu esposo, mas, a partir de suas experiências no Rio Curuá, observou, descreveu e selecionou um vasto acervo de informações sobre a biodiversidade e a etnografia local. Com o tempo, Marie consolidou sua posição como uma cientista respeitada e com notoriedade, desafiando as normas de gênero que predominavam no campo da Ciência. O fato de o reconhecimento de suas contribuições científicas ter se dado a longo prazo pode ser interpretado à luz das mudanças sociais e culturais que aconteceram ao longo do século XX.

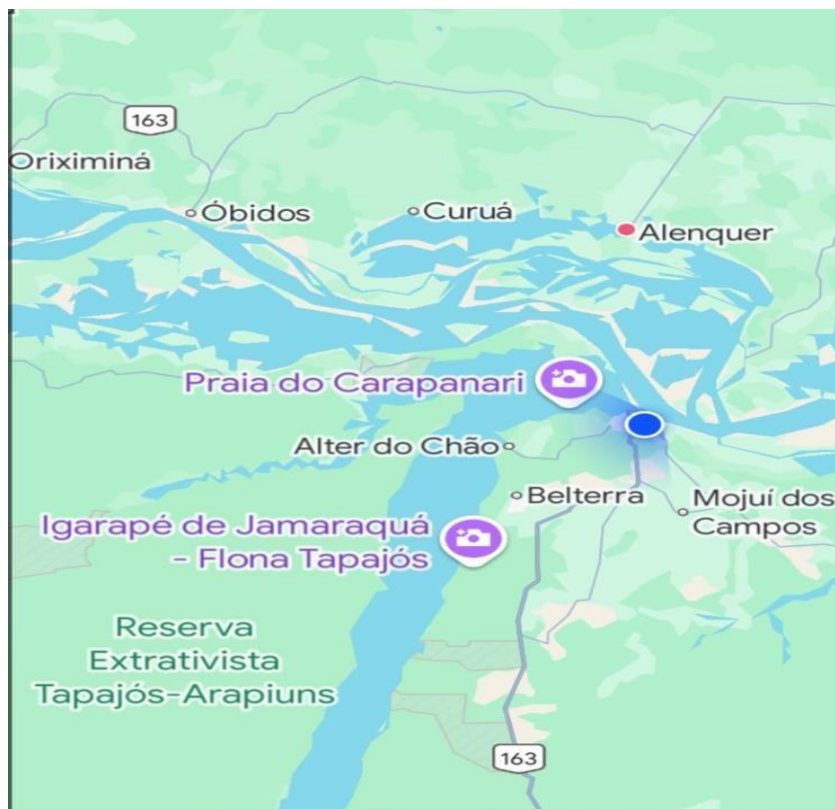
O processo de construção e busca pela igualdade de gênero, juntamente com o aumento da participação feminina em diversos setores da sociedade, possibilitou que as produções de Marie Coudreau fossem revistas e reavaliada à luz de uma nova perspectiva. Com o surgimento das publicações acadêmicas femininas e o incentivo para que mulheres publicassem suas pesquisas, o legado de Marie começou a ser revisitado com um olhar mais atento às suas descrições. Marie Coudreau se tornou uma figura central não apenas por seu papel como esposa de um viajante, mas pela sua capacidade em se firmar como pesquisadora independente. Sua trajetória reflete a relevância de se reconhecer e valorizar as contribuições femininas na ciência, especialmente em contextos históricos que frequentemente silenciaram esses papéis.

Nesse sentido, o aumento de pesquisas que se debruçam sobre as obras e história de vida da exploradora sinaliza uma transformação nas narrativas científicas, reconhecendo a importância de vozes diversas na construção do conhecimento. Em síntese, a autonomia científica de Marie Coudreau, agregada ao reconhecimento que adquiriu após a morte de seu esposo, nos mostra como sua história demonstram a capacidade de uma mulher que, desafiando as limitações impostas pela sociedade, não só continuou um legado científico, mas também construiu o próprio, abrindo caminhos para futuras gerações de mulheres na história das ciências.

2 CAPÍTULO 2 - RELATOS DE VIAGEM POR MARIE COUDREAU: ANÁLISE DA OBRA VIAGEM AO RIO CURUÁ.

Na obra *Viagem ao rio Curuá* (1901), originalmente em francês *Voyage au Rio Curuá*, Marie Coudreau apresenta um estudo detalhado das regiões do Baixo Amazonas que explorou, com foco nos afluentes do rio Curuá. Sua pesquisa, baseada em observações diretas durante viagens de campo, proporciona uma rica descrição etnográfica e geográfica da Amazônia. A autora registra detalhadamente as características paisagísticas, os aspectos culturais das comunidades locais e as próprias experiências durante a expedição, oferecendo um vasto acervo acerca dos locais que visitou em suas viagens pelos rios do interior do estado do Pará, entre eles os rios Paraná de Alenquer, Paraná de Curuá e Mami (Fotografia 2).

Figura 2. Localiza do Rio Curuá no mapa da região.



Fonte: (Google, nd, 2025)

A obra está dividida em três capítulos e no primeiro a autora apresenta uma introduo que estabelece o tom da narrativa e apresenta o cenário que será fundamental para

entendermos o desfecho de sua viagem³. A exploradora registra informações sobre a cultura local e a importância do Rio Curuá, vinculando a narrativa ao contexto histórico da região e mencionando comunidades ribeirinhas, além de trazer informações sobre a povoação do quilombo do pacoval localizado em Alenquer. Além disso, informa pessoas, autoridades e auxiliares que lhe deram suporte:

Sexta-feira, 6 de dezembro de 1900 Marie Coudreau desembarca no paraná de Alenquer bem em face da boca do Curuá no vapor “Prudente de Moraes”, da Companhia de navegação fluvial do Amazonas, tendo como comandante o Sr. Bissaur com sua equipe de tripulantes. Marie é recepcionada por Vitória Dona da casa e esposa de Maximiliano Senna a quem o apelidaram de Machique e pela jovem negra Tomázia quem lhe prestava serviços. “Eis como eu fiquei no paraná de Alenquer, na boca do Curuá, na casa do Senhor Machique.” (Coudreau, 1901, p. 42).

A chegada da exploradora na residência de Maxiliano Senna não foi nada agradável. A reação adversa das duas mulheres responsáveis pelo lar que hospedou Marie pode ser compreendida pela expectativa da chegada de um “explorador”, ou seja, de um homem, o que já era considerado inaceitável por Dona Vitória, tendo em vista que seu esposo se encontrava em viagem. Entretanto, ao descobrirem que se tratava de uma exploradora, uma mulher não escondera o sentimento de surpresa e espanto, como revela o fragmento:

No dia seguinte, de manhã cedo, houve uma mudança completa. A dona da casa chamada Vitória vem até mim quase sorrindo. É verdade que você é mulher? Mas sim, é verdade. Verdade, você não está me enganando? Quando você chegou, eu achei que fosse um homem. Desde ontem, quem poderia ter feito você mudar de ideia e fazer você acreditar que eu era mulher? (Coudreau, 1901, p. 448).

A partir do diálogo entre Marie Coudreau e Dona Vitória, esposa de Maxiliano Senna, podemos perceber o motivo do mal-entendido cometido pela dona de casa a exploradora, o que reforça o quanto a ideia de uma mulher cientista provocava surpresa não apenas nos pares cientistas, mas também nos moradores locais. Em suas palavras, Coudreau costuma afirmar: *je suis explorateur – ce mot ne supporte pas d’être féminisé*⁴ (Coudreau, 1901, p. 42). A referência de Marie a si mesma no gênero masculino, ao denominar-se explorador, evidencia a invisibilidade da presença feminina em determinados campos de atuação, em especial naqueles tradicionalmente dominados por homens, como a exploração científica. Essa escolha linguística pode ser interpretada como uma estratégia, seja ela consciente ou inconsciente, de conformidade com o contexto social e cultural vigente. Sobre isso:

Coudreau descreve em seus escritos ter se embrutecido ao longo de tantas viagens em condições precárias, sem conforto, debaixo do sol do equador, passando boa parte de

³ A obra foi acessada a partir de capítulos traduzidos em cadernos de tradução disponíveis na internet.

⁴ Nas palavras de Marie Coudreau “*sou um explorador – esta palavra não pode ser feminizada*”.

seus dias em lugares inóspitos. Era frequentemente confundida com um homem tanto por sua aparência física e vestimentas, como pelo simples fato de ser a pessoa dirigindo uma expedição. Descrita como enérgica, conduzia as missões com pulso firme, regras muito bem estabelecidas e cobrava obediência de seus trabalhadores (Santo; Marini, 2022, p. 02).

O cenário descrito confirma-se ao analisarmos aspectos como a maneira que Marie Coudreau se vestia, sua aparência, sua linguagem corporal e verbal. Esses elementos não apenas refletem sua identidade como exploradora, mas também apontam para possíveis estratégias para se apresentar adotadas pela viajante em um contexto histórico marcado pelas desigualdades de gênero. Além disso, como já mencionado, a escassez de informações sobre a vida de Coudreau evidencia não apenas o apagamento de documentos específicos relacionados à biografia de mulheres no campo da exploração, mas também revela como essas figuras frequentemente só ganharam visibilidade por meio de suas associações aos seus companheiros. Nesse sentido, é possível interpretar as escolhas linguísticas e corporais de Coudreau como estratégias deliberadas para garantir a validação de seus escritos e de seu trabalho em um ambiente dominado por homens.

Marie Octavie Coudreau, chamada de “Madame Coudreau” por seus trabalhadores, chegou a Alenquer, no Pará, na foz do rio Curuá, a bordo do navio da Companhia de Navegação Fluvial do Amazonas “Prudente de Moraes”. Uma de suas principais ambições durante a expedição era explorar o rio Curuá no prazo de um ano, realizando um levantamento detalhado da região. Em seus relatos, ela menciona localidades específicas, como Tracarará, Cucuí e Cuipeua, além do interesse em encontrar os indígenas que habitavam o que ela denominou de Alto rio. Essa expedição demonstra tanto sua determinação como exploradora, quanto reforça seu papel como uma das poucas mulheres a se destacarem nesse campo inclusive sendo pioneira na utilização da fotografia em relatos de viagens. Sua narrativa, portanto, não só documenta a geografia e a cultura da região, mas também serve como um testemunho de sua luta por reconhecimento em um meio predominantemente masculino.

Em capítulo dedicado a caracterização das paisagens de Curuá e Alenquer, a exploradora demonstra preocupação devido à seca na região, o que certamente dificultaria sua passagem. O clima encontrado pela viajante e sua tripulação resultava em grandes encostas de dunas e praias de areias quentes. Ao caracterizá-lo, Marie descreve que o rio nasce de uma foz feita de vários grandes lagos o que ela supõe fazerem parte do grande leito do rio Amazonas e então separados

por estreitas ilhas de aluvião⁴. O caminho percorrido, não diferente de outros, é de difícil acesso, conforme as descrições de Marie.

Curuá do Paraná tem uma largura de 15 metros, as águas apresentam tons de amarelo terroso, o qual compara com a cor das águas do Amazonas e que sofrem variações externas como exemplo as espessas camadas de neblina que ao encontrarem o rio fazem o parecer ainda mais sujo. Em suas margens tanto esquerda quanto direita podem ser observados construções feitas de palafita, casas que são feitas com estacas e erguidas sobre a superfície do solo habitações comuns em áreas alagadiças e inundadas. (Coudreau, 1903, p.6).

As descrições das paisagens feitas pela viajante oferecem uma descrição minuciosa com elementos poéticos que se entrelaçam com a dura realidade vivida nas viagens de explorações científicas. Sua narrativa, além de ser um documento histórico valioso, revela uma sensibilidade aguçada para a observação da natureza, destacando tanto a grandiosidade, quanto os detalhes sutis da flora, fauna e geografia da região. A autora descreve o rio Curuá como um cenário de rara beleza, marcado por uma biodiversidade exuberante e uma atmosfera que mescla o paradisíaco com o escaldante cenário promovido pelo clima equatorial da densa floresta que os cercava.

Os raios de sol que atravessam a água tornam-na luminosamente transparente e vemos nesse esplendor um verdadeiro mosaico de mil cores cintilantes. É um espetáculo maravilhoso, os seixos são alguns de um roxo muito escuro, outros de um azul profundo, depois toda gama de vermelhos, dos vermelhos escuro ao idealmente rosa pálido, amarelos dourados e brancos cor de neve, e no todo uma luz deslumbrante em raios dourados do sol, tudo isso traz alegria ao coração e transforma a maior tristeza em alegria. (Coudreau, 1903, p.2).

A exploradora destaca, ainda, a exuberante e misteriosa floresta que se debruça sobre o rio. Ela descreve as árvores altas e densas, cujas copas formam um dossel quase contínuo, filtrando a luz solar e criando um ambiente ora de penumbra que contrasta com a claridade das águas do rio. A vegetação é retratada como única, a partir da diversidade de espécies, árvores frutíferas, palmeiras e cipós entrelaçados, formando uma teia complexa que parece desafiar o imaginário humano. A autora também chama atenção para os sons da floresta, e os animais, como onças, porcos do mato, cobras e morcegos sanguinários, animais tidos como ameaças a todos que, pela sorte ou azar, se encontravam dentro das florestas do Baixo Amazonas.

⁴ O processo de formação do fenômeno aluvião é um termo regional utilizado para descrever um complexo evento natural que possui características tanto de fluxos de detritos, quanto de fluxos decorrentes de enxurradas, esses sedimentos depositados ao longo do leito dos rios e mares formam o acréscimo gradual de terras aumentando significativamente sua área.

O rio Curuá, por sua vez, é descrito como um elemento central da paisagem, não apenas como uma via de transporte, mas como um eixo em torno do qual a vida na região se organiza. Marie Coudreau observa, em alguns trechos, as águas calmas e cristalinas que refletem o céu e a vegetação circundante como um espelho, enquanto em outros pontos, o rio se torna mais turbulento, com corredeiras, praias e cachoeiras que, ao mesmo em que tempo que exalam beleza, causam calafrios. Ela também menciona a presença de ilhas fluviais, cobertas por vegetação densa, que surgem como oásis no meio do curso d'água. Além da descrição visual, Coudreau dedica atenção aos aspectos sensoriais da paisagem. A umidade do clima e o calor tropical também são mencionados como elementos que influenciam a experiência do viajante, conferindo à região uma sensação de intensidade e vitalidade.

Saindo do Curuá do Paraná, a aparência torna-se completamente mágica; é uma mudança brusca, o horizonte é infinito como o oceano, não vejo mais margens, só o grande lençol imóvel do lago e a nossa pequenina canoa planadora saúda este mar. O sol lança faíscas iluminando este espaço aberto, o ar uiva, sem som do vento, estamos rodeados por um anel de fogo. Mas logo a situação se torna insustentável pois, com o renascimento da luz intensa do sol e a chama implacável do globo caiu sobre nossas cabeças a tortura se torna horrível. (Coudreau, 1903, p.7).

A variação no clima decorrente de altas temperaturas, clima seco, calor extremo e as tempestades que vinham sem hora marcada são descritas como um dos grandes problemas enfrentados pela viajante durante sua passagem pela região dos Paranás de Alenquer e Curuá. Além disso, a grande quantidade de praias e cachoeiras encontradas pela viajante também se somam às dificuldades. Em seus escritos, foram encontradas 18 cachoeiras, as quais são identificadas por Marie como: as cachoeiras do Cajuty, Cachoeirinha, Lontra, Bemfica, José Victorino, Mundurici, Brigadeira, Bocca do Curuá, Judicios, Cajueiros, Três bocas, Berimbau, Índios, Tracajá, Lontra. Segundo ela,

Não é através de uma descrição, por mais exata que seja, nem através de uma holografia, por mais excelente que seja, que podemos formar uma ideia completa de uma cachoeira; nunca será mais do que um pálido reflexo da realidade; é absolutamente necessário ver e ouvir a cachoeira para dar vida a aldeia. Descrições e fotografias não são nada comparadas a realidade. (Coudreau 1903, p.11)

Outro aspecto destacado pela viajante é a ligação existente entre o rio e as comunidades locais. Ela descreve pequenos povoados e habitações isoladas às margens do Curuá, onde os habitantes vivem da floresta e em harmonia com o ambiente, utilizando os recursos naturais para sua sobrevivência. A pesca, a coleta de frutos e a agricultura de subsistência, atividades praticadas na povoação de Curuá e no mocambo do Pacoval, são retratadas como atividades que reforçam os laços entre habitantes da região. Marie reflete sobre a sensação de isolamento e grandiosidade que a região transmite. Ela descreve o rio Curuá como

um lugar onde o tempo parece acontecer de maneira diferente, distante da agitação das cidades e da modernidade:

Uma melancolia se espalha por toda a atmosfera e por mim mesmo e sem arrependimentos de estar tão sozinho, jogado como se fosse ao acaso. É assim que aprecio profundamente o encanto requintado e indefinível que emana das nuvens equatoriais. A luz forte das estrelas se destaca no céu, a lua lança brilho âmbar na areia amarela da praia e prateia as copas das árvores altas, tornando o interior da floresta mais obscuro; sobem perfumes enviado pelas minúsculas flores de parasitas gigantes, perfumes doces e tão doces que a despeito de mim, me transporto em pensamento para as nascentes, os bosques, as flores da França. (Coudreau, 1903, p.28).

A localidade segundo apontamentos da autora tinha como identificação “a foz do furo dos Barés”, o furo é assim chamado, pois teria sido o local onde os indígenas Abarés ou Barés foram catequizados pelos padres que faziam parte da ordem religiosa franciscana capuchos da piedade, se estabelecendo então no mesmo local onde hoje localiza-se a cidade de Curuá. “Antes de 1758, este local era conhecido como “logar d’arcozello”, em anos posteriores, um comerciante de Alenquer chamado Raimundo Simões, viajante do rio, achou o lugar bonito e ali construiu sua casa, já em 1853 alguns irmãos chegaram e construíram ali” (Coudreau, p.1903). Ainda sobre a origem da povoação de Curuá:

Conta a história que Curuá surgiu da formação dos primitivos templos da colonização Amazônica, uma zona de Catequese dos Franciscanos Capuchos de Nossa Senhora da Piedade, quase provavelmente no ano de 1677 (século XVIII), tendo se estabelecido a margem do Rio Curuá, pouco acima de sua foz, atraindo e concentrando nesse lugar os índios da região, como os das tribos do Barés ou Abarés e dando a aldeia o nome de Arcozelos, é o mesmo nome de uma localidade portuguesa. (Simões, 1908, p.14).

Nesse contexto, analisou-se que a povoação em questão era constituída por pouco mais de 58 habitações, das quais quatro eram revestidas com azulejos e cinco destinavam-se a atividades comerciais. No que se refere à composição étnica da população de Curuá e de seus povoados, identificaram-se grupos como mulatos (mestiços de brancos e negros), cafuzos e caboclos (mestiços de indígenas e negros), e mamelucos (mestiços de brancos e indígenas), com predominância dos caboclos. Nas localidades próximas a Curuá, até a região do Arapary, os habitantes são majoritariamente mocambeiros ou descendentes de mocambeiros. Conforme fotografado pela exploradora (Figura 3).

Figura 3. Moradores da povoação de Curuá em 1900.



Fonte: Coudreau, Voyage au rio Curua (1903)

No que se refere à organização econômica da região, a exploradora nos traz importantes constatações sobre as atividades que eram praticadas pelos habitantes. Nesse sentido, duas atividades se sobressaem: a extração de castanhas, sendo elas a castanha do Pará e a castanha de Sapucaia, e a atividade agropecuária. A coleta da castanha era praticada pelos mocambeiros habitantes a montante, ou seja, nas localidades próximas à povoação de Curuá. Além disso, cultivavam roças coletivas, praticavam a caça e a pesca, e mantinham um sistema de trocas que garantia a subsistência de todos. A agricultura era diversificada, incluindo cultivos como mandioca para a fabricação de farinha e outros derivados, milho e feijão, que não apenas alimentavam a comunidade, mas também serviam como moeda de troca em negociações com mocambos e indígenas da região.

Além da compra e venda da castanha-do-pará e da comercialização do gado, havia outros produtos como a seringa e a balata, ambas extraídas de árvores da Amazônia. Grandes quantidades de árvores da sapucaia foram encontradas pela viajante que via na balata, produto derivado da sapucaia, a chance de um comércio lucrativo. O peixe Pirarucu também era visto com grande potencial de lucro na região, muito consumido pelos seringueiros. Ademais, a extração e coleta da castanha se constituíam como importante produto no cotidiano

mocambeiro. “A castanha está relacionada não somente da vida econômica dos quilombos, mas também regulava as fugas, pois elas ocorriam nas épocas de cheias dos rios, que também corresponde a época da castanha” (Costa, 2018, p.63)

A partir desses apontamentos, podemos perceber uma diversidade de produtos que faziam parte das dinâmicas econômicas de Curuá e de seu entorno, seja em grandes ou menores quantidades e potenciais. Marie também destaca a madeira das espécies Angélica, Madeira Roxa, Balata, Cambaril, Itaúba Preta, Itaúba Vermelho, Acapu, entre outras, como um produto promissor para o crescimento econômico de Curuá, visto a abundância de madeiras em potencial, que eram utilizadas para construções e marcenaria. “O futuro de Curuá não está nem na sua castanha nem nas suas carnes. O seu verdadeiro futuro só reside na exploração de suas madeiras preciosas, dos seus materiais de construção e das suas balatas” (Coudreau, 1903, p.101).

A descrição minuciosa de Marie Coudreau leva o leitor a adentrar na narrativa juntamente com sua tripulação. Os detalhes com os quais descreve a fauna e flora, presente nos rios que navega, tem um tanto de poesia como realismo para aquela dura realidade típica de viagens de explorações. Em suma, o relato de Marie Coudreau sobre as paisagens do rio Curuá é uma obra que combina precisão na escrita científica e sensibilidade com as particularidades da região. Sua narrativa não apenas documenta as características físicas da região, mas também a essência de um ambiente que é ao mesmo tempo desafiador e fascinante.

Chegamos ao que me proponho enfatizar ser o ponto crítico do primeiro capítulo da obra e que merece um destaque a parte, o encontro de Marie Octavie Coudreau com os mocambeiros na povoação do Pacoval. Seus relatos de viagem são documentos importantes para a compreensão da história, da cultura e das dinâmicas sociais da Amazônia naquele período. Um dos aspectos notáveis de sua obra é o olhar que ela dirige às comunidades quilombolas, os mocambeiros do Quilombo do Pacoval, localizado às margens do rio Curuá.

2.1 Madame Coudreau e o Mocambeiros do Curuá.

A partir dos apontamentos de Durval Sousa filho (2012), verifica-se “a existência de interessantes trabalhos já publicados quanto à posição de Octavie Coudreau a respeito da população negra da Amazônia, principalmente suas opiniões sobre os quilombolas ou mocambeiros dos rios Trombetas, Curuá e Cuminá”. Na pesquisa em questão, nos debruçaremos sobre a comunidade quilombola presente no rio Curuá, a povoação do Pacoval. Dentre as pesquisas já realizadas sobre os mocambos da Amazônia, destaca-se os trabalhos de

Aldrin Moura de Figueiredo e principalmente o de Eurípedes Antônio Funes “Nasci nas matas, nunca tive senhor” como importantes fontes para estudos aprofundados na discussão tanto das ideias de Marie Octavie Coudreau como da cultura e história das populações negras quilombolas do Pará.

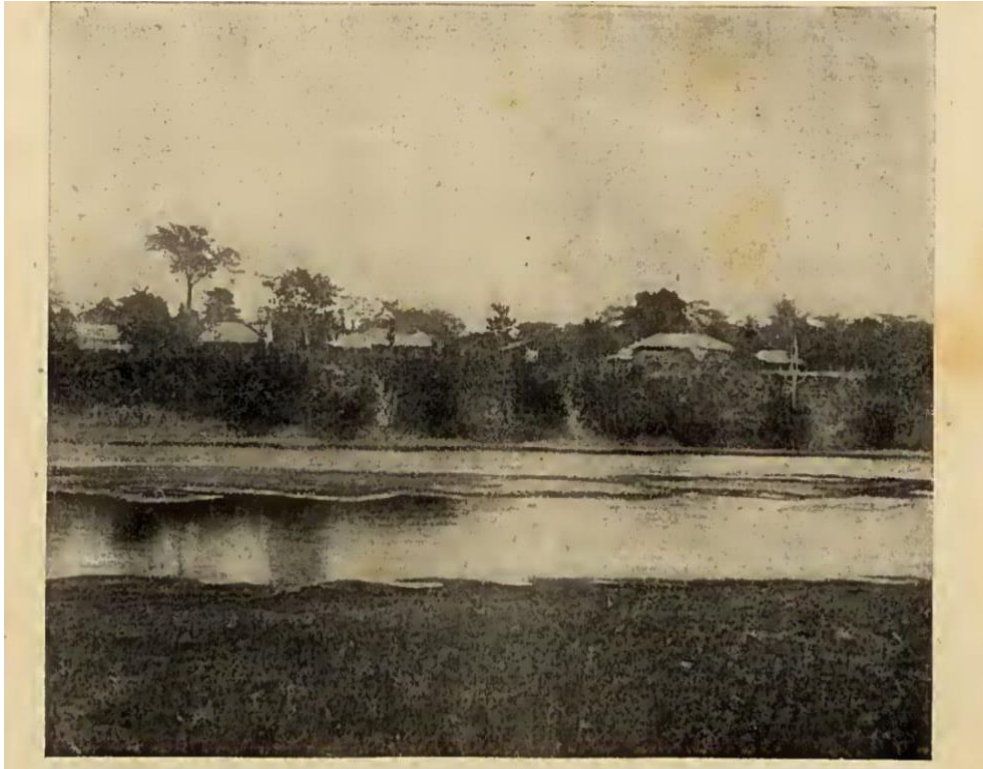
O quilombo do Pacoval localiza-se às margens do rio Curuá, afluente esquerdo do rio Amazonas, embrenhado no coração da maior floresta equatorial do planeta. No ano de 1900, período em que Marie Coudreau explorava a região, o povoado ocupava uma área de aproximadamente 19.000 metros de frente por 12.300 metros de largura, conforme documentado por Funes (2022, p.38). Na época, o quilombo abrigava cerca de 120 famílias, distribuídas em 110 moradias, totalizando uma população média de 800 indivíduos, dos quais 220 eram crianças. Segundo Marcos Alan (2018), a formação dos quilombos na região do Baixo Amazonas remonta às primeiras décadas da expansão do cultivo de cacau. Sobre sua chegada ao pacoval, a geógrafa francesa comentou:

Esse transporte dura quase um dia inteiro das 7h às 17h, meus homens estão exaustos, não aguentam mais ficar de pé, finalmente, às 10h, chegamos a Chico Cardozo, na povoação de pacoval, povoado dos mocambeiros de Curuá”. (Coudreau,1900, p.16)

Nesse contexto, Marcos Alan enfatiza que o rio Curuá serviu como refúgio para os primeiros grupos de escravizados que trabalhavam nos cacauais. Rodrigues (1875) complementa essa análise ao afirmar que os primeiros registros de mocambos na região estão associados justamente ao rio Curuá, evidenciando sua importância histórica como espaço de resistência e organização das comunidades negras no período pós-colonial (Rodrigues, 1875, p.24).

A pequena comunidade como outros quilombos na Amazônia, era uma comunidade formada por descendentes de africanos escravizados que buscaram refúgio em áreas de difícil acesso para escapar da opressão do sistema escravista. Essas comunidades mantinham uma organização social autônoma, baseada em práticas culturais africanas reelaboradas no contexto amazônico. O termo "mocambeiros" refere-se aos habitantes desses quilombos, que muitas vezes viviam em condições de resistência e autonomia. (Figura 4).

Figura 4. Vista da povoação do Mocambo do Pacoval



Fonte: Coudreau (1903)

O olhar de Marie Coudreau sobre os mocambeiros revela a mentalidade civilizatória e colonialista da exploradora, que se manifesta de maneiras distintas ao lidar com indígenas e afro-brasileiros. Enquanto ela observa os hábitos indígenas com certa curiosidade e atenção ainda que com o intuito de instrumentalizar esses conhecimentos em benefício de sua missão exploratória, sua interpretação dos modos e valores da população negra é marcada por um profundo menosprezo. Isso não implica, contudo, que sua postura em relação às comunidades indígenas, de modo geral ou a indivíduos específicos, fosse necessariamente isenta de preconceitos. No entanto, o racismo de Coudreau assume uma dimensão particularmente violenta quando direcionado à população negra. Em sua perspectiva, os negros são retratados como ferozes e bestiais, tanto em relação a seus traços físicos quanto à sua moralidade, como demonstra o trecho:

Fisicamente há uma degeneração muito acentuada; eles não são tão fortes e robustos quanto os ex-escravos. Isso é compreensível, um escravo era precioso para seu senhor, tinha valor de mercado, era do seu interesse não o sobrecarregar e até cuidar bem dele; agora ele não tem mais patrão e preferi viver muito mal e não trabalhar, seu ideal é a “ociosidade”, acrescente a isso seu gosto exagerado pela bebida e você terá as principais causas de sua degeneração: preguiça e embriaguez. (Coudreau, 1903, p18).

Para a exploradora a condição em que as populações negras do interior da Amazônia se encontravam era degradante. Ao chegar na residência de Chico Cardoso este um comerciante local, Marie descreve suas anotações feitas pelo olhar atento aqueles indivíduos por quem tinha tanta repulsa. O olhar preconceituoso de Coudreau discorre pelas linhas de suas minuciosas descrições ao vê-los como “escravos fugidos de seus senhores” e que assim deveriam ser representados em seus relatos. Ao descrever sua aparência física, mais uma vez compara-os escrevendo que no seu físico há uma degeneração muito marcada. Marie Coudreau não os via fortes e robustos como os antigos escravos e repreendia seu comportamento de “desobediência” frente as suas ordens. Desse modo, não se trata apenas de uma visão exotizante ou anedótica, mas de uma representação que os reduz ao bizarro e ao abominável, despertando em Coudreau uma profunda repulsa. Essa distinção em seu tratamento evidencia as hierarquias raciais e culturais inerentes ao projeto colonialista que ela personifica. Sobre essa perspectiva Durval Souza Filho argumenta:

Racista, preconceituosa, fazia questão de deixar clara a sua visão enviesada que tinha com relação aos negros quilombolas e mestiços de negros com índios, para ela seres degenerados, preguiçosos, ladrões, traiçoeiros e incapazes de ascender a quaisquer condições civilizatórias superiores que sejam. (Souza Filho, 2008, p.62).

No relato da viagem ao rio Curuá, Marie Coudreau descreve os mocambeiros do Quilombo do Pacoval com um misto de curiosidade científica e uma visão influenciada pelo contexto colonial da época. Seu olhar, embora detalhista e interessado, carrega traços do pensamento eurocêntrico predominante no período, que tendia a enxergar as populações não europeias como “exóticas” ou “primitivas”. Coudreau fornece descrições minuciosas sobre o modo de vida dos mocambeiros, incluindo suas práticas agrícolas, organização social, rituais e crenças religiosas, “já tive várias vezes a oportunidade de falar dos mocambeiros, esses exescravos que fugiram da casa do senhor, e sempre sob o mesmo disfarce, com os mesmos sentimentos que me vejo obrigado a apresentá-los” (Coudreau, 1900, p.17).

Ao aportar, a exploradora descreve o local que encontrou ao chegar na povoação do Pacoval, sendo recepcionada por Chico Cardozo. Ela faz duras críticas ao se referir às habitações dos moradores do mocambo, que, para ela, eram classificadas como “vila do Pacoval”. No entanto, de vila não havia nada; o que se avistava eram cabanas de pau-a-pique, dispostas de forma dispersa, que chamavam de casas. Marie relata ter encontrado 15 casas recém-cobertas com palhas, retiradas da floresta. Em concordância com as descrições feitas por João Barbosa Rodrigues em seu trabalho, as moradias nos mocambos, que se encontravam

dispersas pelas margens dos rios, como “pequenas palhoças, feitas de quatro esteios, cobertas de palha, abertas, com giráo” (Rodrigues, 1875, p.27).

Além de uma igreja com paredes de argila e chão batido localizada ao centro da comunidade, ao lado é possível observar a presença de uma “ramada”. Esses espaços feitos também sem muito conforto e aprimoramento são descritos por Marie como o local indispensável em um vilarejo negro lugar onde dançam e celebram a festa do seu padroeiro. A ramada era o local de grandes festas e danças, a exploradora as encontrou em aglomerações, unidades sociais ou como ela define, “vilas negras”.

Uma vez terminada a reza, ou se preferir terminada a reprimenda ao Deus incomparável, reúnem-se sob a ramada. Começam bebendo taruba⁵, depois em duplas começam a dançar enquanto são tocados tambores e outros instrumentos e outros cantam e batem palmas em cadência. A construção se constitui como uma grande cabana aberta aos ventos com chão de terra batida. É a sala. Este é o salão de dança indispensável num vilarejo negro em uma vila negra. Podem ficar sem comer, sem se vestir, mas não saberiam viver sem uma ramada. (Coudreau, 1900, p.18).

Os festejos e danças em pares descritos por Marie se configuram como uma das principais manifestações exercidas na comunidade a Festa Cultural em comemoração ao Padroeiro da Comunidade, São Benedito, o *Marambiré*⁶. A festa sempre é realizada no mês de janeiro, período em que Marie explorava a região. Apesar da descrição carregada de estereótipos e preconceitos, a exploradora fez observações detalhadas sobre a prática do festejo do Marambiré, ressaltando não somente a dança, mas também elementos que compunham o cotidiano do quilombo. Nesse sentido, ela supõe que as tradições executadas pelos mocambeiros vêm de seus antepassados, ações que praticavam em território africano e que atravessaram os oceanos, sendo acrescentado por eles novas práticas e elementos. Para ela:

[...] É preciso ter contemplado esse espetáculo para ter ideia, está reunida toda uma série de santos multicoloridos. Alguns são brancos, outros amarelos, mas muitos são negros, todos tem rostos abomináveis. Parece um encontro de quasímodos; além disso, estão vestidos com enfeites incríveis: restos de anáguas antigas, pedaços de colunas de cores vibrantes. Finalmente, eles usam contas de vidro ou sementes da floresta em volta do pescoço. Essas caricaturas, têm cada um seu nome: este é São João, aquele São Pedro, este outro São Benedito, e vi, nesta companhia Santa Luzia, Santa Rosa, Santa Sebastiana e até um pai nosso e ave maria negros. Gostaria de fazêlos destruir todos esses grosseiros poucos artísticos, e que enfeitam com pomposo nome de santos, estas estátuas são apenas o reflexo dos seus hábitos, reduzidos ao mais baixo nível de rebelião social [...] (Coudreau, 1900, p.19).

⁵ Taruba é uma bebida fermentada, com aspecto leitoso e sabor adocicado. Típica dos povos indígenas da Amazônia tendo como ingrediente principal a base de mandioca.

⁶ Aldrin Moura (1995) destaca que o Marambiré é uma festa de congada com forte caráter religioso que consiste na representação de uma corte real de congo, onde os personagens se organizam hierarquicamente no cordão do Marambiré, tendo a festividade voltada a devoção de São Benedito, o santo preto.

As descrições das imagens e dos festejos dos negros feitos pela viajante nos mostram a discordância existente entre o orgulho em mostrá-las ao mesmo tempo em que expressa o horror causado pelas disformes e nada artísticas figuras tidas como santas pelos mocambeiros. O que para eles era visto com devoção e orgulho ao tê-los como a reprodução de seus santos devotos para a viajante não passava de um sacrilégio. (Funes, 2022, p.165).

Ao descrever as atividades econômicas praticadas no quilombo, Marie Coudreau constata que são principalmente extrativistas: realizam a coleta e o comércio da castanha e comercializam ainda a farinha. A caça e a pesca são voltadas para o consumo familiar, faz parte de sua subsistência, possuem pequenos roçados que se somam a essas demais práticas.

Os habitantes da região a montante, os mocambeiros colhem a castanha (*Bertholletia excelsa*). Essa castanha é um manáque os deuses mandam todos os anos, não exige nenhum cuidado, nenhum cultivo. Quando chega a época da colheita, os frutos caem e basta colhê-los, o que combina perfeitamente com a sua preguiça (Coudreau, 1900, p.102).

Nesse trecho, é possível identificar mais uma vez a visão depreciativa da exploradora em relação aos mocambeiros, ao afirmar que a coleta da castanha era praticada por não exigir muitos esforços, o que, segundo ela, favorecia a preguiça atribuída aos negros. Entretanto, essa perspectiva não corresponde à realidade, uma vez que o manejo e a coleta da castanha-do-pará, mesmo em comunidades quilombolas, demandam conhecimentos e técnicas específicas. Entre elas, destacam-se a localização das castanheiras na floresta, a coleta dos ouriços no momento adequado, após o pico de queda, e o domínio no uso de ferramentas, como o terçado, para a abertura dos ouriços e o acesso às castanhas. Esses elementos evidenciam que a atividade envolve um conjunto de saberes e práticas complexas, contrariando a noção simplista e preconceituosa apresentada pela exploradora.

O antropólogo Farias (2018, p.52) discorre que da mesma forma como tratou os mocambeiros do Cuminá Marie Coudreau se comportou com os mocambeiros do Rio Curuá, mantendo uma postura eurocêntrica frente às comunidades negras que visitou. A viajante exploradora classificava-os como imorais e uma raça menos avançada.

[..]Isto não significa que eu queira que a raça negra seja resgatada, gostaria simplesmente que eles fossem deixados onde estão. Eles são negros, porque querer assimilá-los à raça branca, cujos deveres eles não entendem nem os deveres nem os direitos e dos quais zombam. Tentar incutir neles a nossa civilização, criamos direitos para eles e deveres para nós. É portanto, autoengano e um jogo de tolos querer civilizá-los[.] (Coudrea, 1903, p.36)

De tal modo, o racismo contra os negros mocambeiros, presente nas descrições da

viajante, revela um importante contraponto: sua “tripulação”, como ela denominava seus auxiliares de viagem, era composta majoritariamente por negros franceses. No entanto, ao contrário de sua postura hostil em relação aos mocambeiros, Marie demonstrava atitudes de cuidado e preocupação quando seus tripulantes adoeciam ou quando, diante das difíceis passagens pelas cachoeiras e corredeiras, precisavam carregar sua embarcação nas costas. Nesse contexto, é possível compreender que havia uma distinção marcante na forma como ela tratava seus auxiliares negros franceses em comparação com os negros mocambeiros, deixando evidente sua postura racista e preconceituosa com a qual enxergava e tratava especificamente os negros mocambeiros que encontrava em suas viagens exploratórias (Figura 5).

Figura 5. Tripulação de Marie carregando bagagem nas costas.



Fonte: Coudreau (1903)

Olho com dificuldade para esta cena um tanto dolorosa: meus pobres marinheiros que trabalham sem reclamar o dia todo sob o sol equatorial, fazem uma pilha imensa, o calor da areia é o que os meus pés prendem na borracha dos meus sapatos, e o deles acabam coberto de bolhas. Infelizmente sou obrigada a usar esse sistema, transportar nas costas de um homem, sem ter direito de escolha, e nessas condições meu coração prevê a indulgência dos negros que serviram meu marido e que agora me sustentam e me servem tão fielmente. (Coudreau, 1903, p.28).

Essa questão torna-se ainda mais evidente ao analisarmos passagens do relato de viagem, nas quais é possível observar a agência negra dos mocambeiros do Pacoval ao recusarem-se a acatar as ordens dadas pela viajante. Tais atitudes, por parte dos mocambeiros, não eram bem vistas pela exploradora, que expressava claramente sua indignação ao

caracterizar o ocorrido como uma afronta às suas ordens, evidenciando o descontentamento com a desobediência às suas determinações.

Os mocambeiros não respeitam e não tem reconhecimento de nada; não querem trabalhar e não sabem obedecer. Não podemos nem dizer que são simplesmente crianças que não sabem dirigir suas vidas, são seres perversos e maus, não valem nada do ponto de vista social (Coudreau, 1903, p.18).

Essa dinâmica revela um conflito de poder e resistência, no qual a autonomia dos mocambeiros se contrapõe às expectativas de submissão da viajante. A reação da exploradora reflete não apenas uma frustração pessoal, mas também um choque cultural e estrutural, no qual as hierarquias sociais e raciais da época eram desafiadas. Em contrapartida, a resistência dos mocambeiros pode ser interpretada como uma forma de preservação de sua identidade e autonomia, mesmo em um contexto de dominação e exploração. O relato da exploradora revela que os negros habitantes dos mocambos não se submeteram passivamente às ordens que ela tentava impor: “Quando lhes apontamos que desta forma de agir não é apropriado, eles respondem; A terra é nossa e nós somos livres para fazer o que quisermos, não queremos que ninguém venha e estabeleça a lei para nós”. (Coudreau, 1900, p.18). Essa passagem dentre tantas outras narradas pela exploradora, nos mostra as complexas relações de poder e as estratégias de resistência presentes nas interações entre colonizadores e colonizados, destacando a importância de se analisar tais narrativas sob uma perspectiva crítica que considere as vozes e ações daqueles que foram historicamente silenciados.

A resistência negra no Quilombo do Pacoval, conforme registrado pela viajante, embora não fosse a intenção, é um testemunho vivo de uma luta que segue há séculos pela liberdade e autonomia dos africanos e seus descendentes nos mocambos do Baixo Amazonas e no Brasil. As estratégias de sobrevivência como a localização de difícil acesso, cercada por matas densas, cachoeiras, corredeiras e terrenos acidentados, não apenas protegia os habitantes de possíveis invasores, mas também demonstrava resistência contra um sistema escravista que ainda se fazia presente. Além disso, a preservação de práticas culturais africanas, como rituais religiosos, danças como o “Marambiré” e a transmissão oral de histórias, reforçava a identidade coletiva e a resistência cultural frente às opressões.

Outro aspecto presente nos escritos de Marie sobre o cotidiano dos mocambeiros são as redes de comunicação, conexão e trocas que havia com outros quilombos e com povos indígenas que habitavam a região, trocando informações e estratégias de defesa, essa rede de solidariedade se configurava de extrema importância para a sobrevivência e a continuidade da luta pela liberdade.

Cachoeira do Mundurici, esse nome nunca deixa de me surpreender. Os munduricis são uma tribo indígena que habita o sul da Amazônia, no Tapajós, bem acima das cachoeiras; pergunto a Conó se ele sabe o motivo do nome. Não foi criado à toa pelos mocambeiros e me responde sem demora que certamente sabe disso ele sabe tudo que acontece em Curuá. “parece que um índio mundurucu querendo visitar os índios do Curuá, chegou até esta cachoeira, depois ao constatar que os índios estavam muito longe voltou para junto dela. (Coudreau, 1903, p.69).

Souza Filho (2008) e Marcos Alan (2018) destacam que a construção do discurso de Marie Coudreau sobre as populações negras estava fundamentada nas ideias que a francesa tinha sobre raça e moralidade. A partir disso, é possível refletir sobre como a exploradora enxergava e idealizava o não europeu, ou seja, uma visão hierarquizada e eurocêntrica, comum entre os intelectuais europeus da época. Ao longo de seu relato, Marie descreve os mocambeiros, atribuindo-lhes características que, embora nem sempre negativas, reforçam uma distância cultural entre o observador europeu e os observados. Essa perspectiva reflete uma visão de mundo que estabelece uma hierarquia entre culturas, na qual a europeia é tomada como parâmetro de civilização e progresso, enquanto as demais são vistas como inferiores ou exóticas. Segundo Eagleton (2005, p. 20), civilização fazia parte de uma noção francesa, “supunha-se que os franceses tivessem o monopólio de ser civilizados”. Somente na virada do século XIX é que “civilização” deixa de ser sinônimo para virar seu antônimo.

O olhar de Marie Coudreau sobre os mocambeiros do Quilombo do Pacoval é um exemplo de como os relatos de viajantes europeus podem ser simultaneamente fontes valiosas de informação e reflexos das ideologias de sua época. Sua obra nos permite reconstruir aspectos da história e da cultura quilombola na Amazônia, mas também nos desafia a questionar as lentes através das quais essas narrativas foram construídas. Para uma análise mais completa, é essencial contextualizar seus escritos dentro do quadro mais amplo das relações de poder e das dinâmicas coloniais que moldaram o encontro entre europeus e comunidades afrodescendentes no Brasil

Em síntese, o mocambo do Pacoval, era um espaço de resistência multifacetada: física, cultural e social. Sua existência desafiava o sistema escravista e oferecia um modelo alternativo de sociedade, baseado na liberdade, na cooperação e na preservação das raízes africanas. A história do Pacoval, assim como a de tantos outros quilombos, é um legado de coragem e irmandade que continua a inspirar as lutas por justiça e igualdade no Brasil contemporâneo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marie Octavie Coudreau foi uma figura de suma importância e pioneira na exploração científica da Amazônia, destacando-se no início do século XX como uma das primeiras mulheres a contribuir significativamente com historiografia de viagem e a etnografia da região. Atuando no final do século XIX e início do século XX, Coudreau se torna referência em um período em que o papel das mulheres na ciência era, muitas vezes, relegado a funções de apoio. Dessa forma, desafiando a visão tradicional da mulher como mera auxiliadora na produção científica, se posicionou como produtora de conhecimento, contribuindo significativamente para o entendimento da flora e fauna amazônica ao explorar os rios da região.

A escrita e produção de relatos de viagem feitos por mulheres viajantes estão intimamente ligadas às memórias construídas nos registros do passado e na preservação de vivências pessoais e culturais em um contexto histórico que frequentemente as excluía. Ao descrever suas experiências de deslocamento, Marie Coudreau não só enfrentou o medo ao desconhecido do “outro”, mas também ao desconhecimento de si própria, ao se reinventar como uma mulher viajante exploradora sob o comando de viagens aos rios do Baixo Amazonas.

Através da escrita de suas jornadas, ela registrava as paisagens exteriores e os interiores, combinando observações detalhadas dos lugares com reflexões sobre si mesmas e suas posições no mundo. Ao documentar suas experiências, Marie, assim como tantas outras que decidiram reconstruir suas histórias para além das paredes das casas, utilizou a escrita como um instrumento de apropriação de sua própria voz, questionando e contestando as limitações impostas pelos sistemas ao qual estavam inseridas e eram engolidas diariamente.

Para muitas dessas viajantes, como Marie Coudreau, viajar e escrever representava uma forma de afirmação de uma identidade que escapava às normas femininas da época, permitindo que suas experiências de liberdade e descobertas fossem registradas em uma memória coletiva. Nesse sentido, os relatos de viagem se constituem como espaços onde a memória pessoal e a coletiva se entrelaçam de maneira profunda, criando um diálogo entre a história do outro e a história de si. Essas produções literárias permitem que quem as escreva revele aspectos exteriores, mas também íntimos de sua própria identidade, pois, ao documentar suas observações, Marie Coudreau não apenas registrou fatos e levantamentos, mas também construiu narrativas que refletiam suas percepções, valores e interpretações de como enxerga o mundo e os indivíduos ao seu redor. Portanto, ao revisitar a literatura de viagem feminina, tornase evidente que esses textos não apenas ampliam o entendimento sobre culturas, territórios

e histórias frequentemente marginalizados, mas também contribuem para a recuperação e preservação de vozes femininas no registro histórico. Essas narrativas reafirmam o papel das mulheres como agentes da memória e da história, cujas contribuições são indispensáveis para uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo.

A literatura de viagem produzida por Marie Octavie Coudreau revela, ainda, a complexidade das formações discursivas que moldam tanto a representação do território amazônico quanto a construção das subjetividades das viajantes. Seus relatos inscrevem-se em uma rede de circulação de saberes que dialoga com a ciência, a etnografia e a literatura, ao mesmo tempo em que expõe as tensões entre os discursos hegemônicos eurocêntricos e suas experiências individuais.

A viagem de Marie Octavie Coudreau ao Rio Curuá, documentada em seu relato, oferece uma contribuição significativa para a compreensão geográfica, etnográfica e ambiental da região amazônica no período em que foi realizada. A autora, com seu olhar aguçado e metodologia detalhista, não apenas descreve as características físicas do rio e seu entorno, mas também registra as interações humanas e culturais que moldam a vida naquela localidade. Sua narrativa transcende o mero relato de viagem, transformando-se em um documento histórico valioso que reflete as complexidades e desafios da exploração na Amazônia no final do século XIX e início do século XX, além de evidenciar a importância da participação feminina nas expedições científicas da época, um campo predominantemente masculino. Seu talento na observação e precisão ao relatar os aspectos naturais e sociais demonstra sua competência como exploradora e sua sensibilidade ao captar movimentos e sentimentos nuances que escapariam a qualquer outro observador.

Apesar das barreiras sociais e institucionais, Coudreau se destacou como produtora de conhecimento significativo, desafiando os estereótipos de gênero que limitavam a atuação feminina na ciência. Sendo muito mais que uma auxiliar nas investigações de seu marido, mas uma exploradora, cuja curiosidade e competência a levaram a realizar importantes contribuições para a compreensão da biodiversidade amazônica e das comunidades que ali viviam. Coudreau teve impressões marcantes sobre o rio Curuá, descrevendo as paisagens exuberantes e a rica biodiversidade encontrada nas margens do rio e ressaltando a importância das florestas e da fauna local. Além disso, suas observações sobre os moradores da região revelam uma compreensão dos modos de vida das comunidades ribeirinhas que habitavam localidades até então inexploradas.

Por fim, o relato de viagem ao rio Curuá da exploradora Marie Coudreau se constitui como um legado importante para pesquisadores contemporâneos, oferecendo ricas

contribuições para o entendimento dos discursos sobre as “Amazônias” que foram construídos ao longo dos séculos. O relato serve, portanto, como um testemunho da riqueza biológica e cultural da Amazônia, ao mesmo tempo em que ressalta a necessidade de preservação e estudo contínuo dessa região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAREY-WEBB, J. **Gendered politics of empire**: the female ‘explorateur’ and natural histories of the Amazon basin 1899-1901. *Gender, Place & Culture. A Journal of Feminist Geography*, v. 24), n. 4, p. 465-481, 2017. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0966369X.2017.1335288> Acesso em: 03 abr. 2024.
- COUDREAU, H.; COUDREAU, O. **Voyage au Trombetas**. 7 août 1899-25 novembre 1899. Paris: A. Lahure, 1900.
- COUDREAU, O. **Voyage au Curua**. 20 novembre 1900-7 mars 1901. Paris: A. Lahure, 1903a.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.
- ELIAS, Simone Santana R.; MARTINS, Décio Ruivo; MOREIRA, Ildeu de Castro. As Expedições Naturalistas e Cartográficas e as Práticas Científicas no Brasil do Século XVIII. Fronteira: **Journal of Social, Technological and Environmental Science**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 15–36, 2018. DOI: 10.21664/2238-8869.2018v7i1. p. 15-36. Disponível em: <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/2716>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. “Prefácio”. In: Coudreau, Octavie. FERRETTI, F. **Imperial ambivalences**. Histories of lady travellers and the French explorer Octavie RenardCoudreau (1867-1938). *GeografiskaAnnaler*, v. 99, n. 3, p. 238-255, 2017a. <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/04353684.2017.1353887> Acesso em: 05 fev. 2025.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. “Prefácio”. In: Coudreau, Octavie. **Viagem ao Cuminá**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres. Belém: Editora Dalcídio Jurandir, 2023.
- FIGUEIREDO, Aldrin M. de. **O negro na fala do branco**: o discurso de Mme. Coudreau sobre os mo-cambeiros do Curuá, Belém, DH/CFCH/UFPa, 1989.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Um natal de Negros**: esboço etnográfico de um ritual religioso num quilombo amazônico. *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, São Paulo, v. 38, n.2, p. 207-238, 1995.
- FREITAS PINTO, E. R. M. de, & Silva, F. E. G. da. (2016). NEIDE, Gondim. **A invenção da Amazônia**, 2º edição, Manaus: Editora Valer, 340 p., 2007. (Série: Memórias da Amazônia). *Revista Eletrônica Mutações*, 7(12), p. 162–167.
- FUNES, Euripedes Antonio. **Nasci nas matas, nunca tive senhor**: história e memória dos mocambos do baixo amazonas, 1 edição, Fortaleza: Editora Plebeu Gabinete de Leitura, 2022, p. 9-495.
- GOOGLE MAPS. [Mapa da localização da cidade de Curuá-Pa]. 2025. Disponível em:<https://maps.app.goo.gl/auFgVy1dCSA8bTYV7>
- GOMES, Carlos Valério Aguiar. **Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v.

13, n. 1, p. 129-146, jan.-abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222018000100007>. Autor para correspondência: Carlos Valério Aguiar Gomes. Universidade Federal do Pará. Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF). Rua Augusto Corrêa, n. 1 – Guamá. Belém, PA, Brasil. CEP 66075-110 (valeriogomes@ufpa.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9697-7788>.

KURY, Lorelai. (2022). **As expedições naturalistas no Brasil no século XIX**: o período da Independência foi uma época áurea para as viagens científicas de europeus ao Brasil. 200 anos depois, devemos refletir sobre o tipo de conhecimento que produzimos e sobre o que queremos para o século XXI. *Ciência e Cultura*. 74. 10.5935/2317-6660.20220043.

LEITE NASCIMENTO, L., & PRAXEDES PEREIRA CAMPOS, S. . **Marie Octavie, o explorador da Amazônia**: escrita feminina e resistência no relato de viagem. *Revista De Estudos De Literatura, Cultura E Alteridade - Igarapé*, 17(2), p.85–98, 2024.

MARTINS, L. "**Ilusões de poder**: visão, tecnologia e a exploração geográfica do Mouchet M. 1973. *L'Explorateur Coudreau ou la Philosophie des voyages*. Melun: ImprimerieTschumi-Taupin. 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres, ou, os silêncios da história**. Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, J.; GOMES, M.; BEZERRA, N. (Org.). **Pontos, contrapontos não desvendados**: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista. São Luís: Café e Lápis, Editora UEMA, p. 203-217, 2011.

ROSSITER, Margaret. "**The [Matthew] Matilda Effect in Science**". *Social Studies of Science* 23. 1993.

SANTOS, Sheila Maria dos; MARINI, Clarissa. O olhar de uma francesa exploradora na Amazônia na virada do século XX: tradução comentada de *Voyage au Rio Curua*, de Octavie Coudreau. **Cadernos de Tradução**, 42(esp.1), p. 426442, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e90695>.

SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. **Brazilians cientists visit the Amazon**: the scientific journeys of Oswaldo Cruz and Carlos Chagas (1910-13). *História, Ciências, Saúde–Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 14, supplement, p 15-50, Dec. 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. 2017

SILVA, E. M. L. da. (2006). PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. *Revista TOMO*. <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i0.4947>

SIMÕES, F. F. **Município de Alenquer**. Seu desenvolvimento moral e material e seu futuro. *Estudos históricos e geográficos*. Belém: Estado do Pará; Livraria Loyola, 1908.

SOUSA FILHO, D. de. **O retrato dos Coudreau**: índios, miscigenação e civilização através das lentes de um casal que percorreu a Amazônia em busca do ‘bom selvagem’ (1884-1899).

Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4258> Acesso: em 29 out. 2024.

SOUZA FILHO, Durval de. Ciência e Arte nas fotografias de viajantes na Amazônia no século XIX. In: Malcher, Maria Ataíde; Marques, Jane Aparecida & De Paula, Leandro Raphael (Org.). **História, comunicação, biodiversidade na Amazônia**. São Paulo: Acquerello, 2012.

SOUZA, Déborah. O VELHO MUNDO: A Amazônia dos viajantes naturalistas. Mandaurisawa- **Revista dos Discentes do curso de História da Ufam**. Manaus, volume 2, número 2, p. 188-199, fevereiro, 2022.